

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

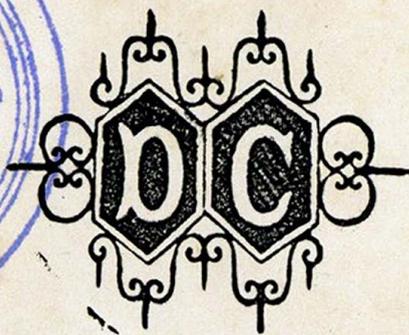
M

GUERRA JUNQUEIRO

A MUSA EM FERIAS

(IDILIOS E SATIRAS)

15253 / 225362



LISBOA

TYPOGRAPHIA DAS HORAS ROMANTICAS

Rua da Atalaya, 40 a 52

1879

821.134.3 - 14

O CRIME

(A proposito do assassinato do alferes Brito)

AO SR. BARJONA DE FREITAS

I

Que nos cumpre fazer?

Depressa! mandem pôr
Dragonas de commando ao general Terror.

Salve-se a independencia! erga-se a disciplina!
 Ordem, corre a pedir auxilio á guilhotina:
 Abracem-se um ao outro, a patria assim o quer,
 O jumento Proudhome e o tigre Lacenaire.
 Nada de compaixão! o risco é grande, é enorme.
 Mêdo, vae despertar o executor que dorme.
 Violencia, vae chamar o teu irmão Assombro.
 O coveiro que ponha a sua enxada ao hombro,
 E o padre que appareça e traga o seu missal.
 Agora ide agarrar ao antro esse animal;
 Acorrentae-lhe as mãos, que fique bem seguro,
 Amordaçae-o bem, colae-o contra um muro...
 Vem rompendo a manhã... Vamos! formar em allas!
 Prompto; descarregar!

Trinta ou quarenta ballas

Vararam-no e cahiu por terra em convulsões...

.....

.....

Subiram de repente as nossas inscripções,

A honra ficou branca, a ordem ficou pura,
A industria prosperou, floriu a agricultura,
Estreitou-se a união da c'rôa e dos vassallos,
O ditoso burguez foi aparar os callos,
E abençoada seja a execução da lei!

II

Não exploro a piedade; a victima, bem sei,
Era um bravo rapaz na flôr da juventude,
E é doloroso ver dentro d'um ataúde
Um corpo juvenil, ensanguentado e frio.
E o criminoso? olhae: mudo, feroz, sombrio...
Causam menos horror os olhos d'um chacal:
O tigre é o seu irmão; o abutre é o seu igual.
Aquella alma hedionda é um negro labirinto:
No fundo d'essa noite ha a câverna instincto,

E lá dentro as paixões, os odios, as vinganças.

Hoje riem-se d'elle as timidas creanças.

Esse monstro cruel dorme n'uma enxovia;

E a lei, deitada a um canto, inexoravel, fria,

Como em velho mastim silencioso, espera.

A violencia reclama a execução da fera.

Qual o nosso dever? guillotinal-o?

Não.

III

Liga-se á ideia crime a ideia expiação.

Expição é o remorso. A consciencia tem

Castigo para o mal e premio para o bem.

Dentro d'ella reside o jury universal.

Um facinora evita o codigo penal,

Evitam-se as galés, evita-se a prisão,
Mas não póde evitar-se este immortal clarão
Da nossa consciencia, alampada sagrada.

Pegae n'um criminoso, um saltador de estrada;
Assassinou, matou; é um bandoleiro infrene;
Comtudo, não ha prova alguma que o condemne;
Quem é que o viu roubar, apunhalar? ninguem.
Não ha uma suspeita unica. Pois bem:
Ficará livre? não: A consciencia diz
A este homem:

— Eu sou ao mesmo tempo o juiz
E a prova; eu sou a lei e sou a accusação.
O suborno, acredita, é impossivel; então
Escusas de mentir e escusas de negar.
Procuraste, é verdade, um optimo logar
Á beira d'um caminho; a noite era sombria;
Testemunhas, nenhuma; o vendaval gemia

Com soluços brutaes nas rochas, no arvoredos...
E tu disseste: «bem; ha de guardar segredo
A treva...» N'esse instante a victima passára;
Ergueste-te do chão, pozeste a arma á cara
E desfechaste: ouviu-se um grito e nada mais...
A victima cahiu banhada em sangue; os ais
Foram morrendo... Prompto! A estrada era deserta;
Testemunha, ninguem; impunidade certa.
Magnifico! pozeste a tua arma ao hombro
E começaste a andar. Mas uma voz (assombro
Horriavel!) uma voz de timbre diamantino
Chegou-se ao pé de ti e disse-te: «Assassino!»
E tu ficaste a olhar, mudo, transido, absorto.
Quem é que estava ali? quem te fallava? o morto,
Impossivel... Talvez uma illusão, mais nada...
Coragem! caminhaste em direcção á estrada,
Ao sitio onde cahiu por terra o viandante;
E depois de o roubar fugiste; e n'esse instante
Inda outra vez, horror! n'aquella escuridão
Ouviu-se a mesma voz e disse-te: «Ladrão!»

E olhando em torno a ti surgiu-te de repente
Alguem que te fitou inexoravelmente
Com um olhar cruel, recto, sereno, agudo.
Esse alguém era eu — a consciencia! Tudo
Aquillo que pensaste e aquillo que fizeste
Sem testemunha, ali quasi n'um ermo agreste,
Escondido na treva, occulto pelo matto,
— Hora, noite, logar, o roubo, o assassinato,
Oh, tudo, tudo eu vi perfeitamente bem!
Tinhas dentro de ti um espião: ninguem
Póde evital-o, crê. Ficaste mudo e quedo;
Com a arma na mão, covarde, tinhas medo
Do impalpavel. Então uma criança inerme
Podia-te esmagar como se esmaga um verme,
Podia-te bater, podia-te insultar
Sem resistencia alguma: a luz do meu olhar
Varava-te; era o sapo em frente da doninha.
E eu peguei-te no braço e disse-te «caminha!»
E começaste a andar involuntariamente.
Não dizias palavra; ás vezes de repente

Olhavas de soslaio e vias-me na treva ;
Continuavas a andar assim como quem leva
Ou um lobo ou um crime atraz, a perseguil-o.
Tu não podias ver o meu olhar tranquillo.
Desataste a fugir correndo allucinado
Pelo monte ; paraste, e viste-me a teu lado.
Quizeste-me cansar : foste galgando muros,
Penetraste a tremer nos antros mais escuros,
Ensanguentaste as mãos, dilaceraste as pernas,
E eu entrava comtigo as bôcas das cavernas,
Trepava como tu ás rochas mais esguias,
Cortava os vendavaes, corria se corrias,
E se paravas tu, parava eu. Emfim
Não tinhas salvação possivel. Para mim
Não existe fadiga e não existe somno ;
Eu ia como vae o cão atraz do dono
E o corpo atraz da sombra. Aniquilado então
Cahiste sobre a terra, e disseste :

«Perdão